

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**O PAPEL DAS AMIZADES NA VIDA DA MULHER DIANTE DE EXPERIÊNCIAS DE**  
**VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO**

**MARJHORIE BOCCHI LUQUE**

Pesquisa apresentada como requisito para obtenção do grau de formação em Psicologia pelo curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos sob orientação da Profa Dra. Sabrina Mazo D’Affonseca.

SÃO CARLOS

2025

## **Agradecimentos**

Aos meus pais, Elsimir e Vanessa, que me criaram para ser uma mulher forte e independente. Pai, agradeço por ter sido meu primeiro exemplo de amor, admiro sua bondade e generosidade. Mãe, obrigada por ter sido a primeira mulher em quem me inspirei, e por me mostrar a força de ser mulher, te admiro desde sempre. Aos dois, agradeço por sonharem os meus sonhos e por serem os maiores incentivadores da minha vida. Vocês me ensinaram que a educação é o caminho para a liberdade e para a conquista dos nossos sonhos. Sem isso, eu não teria tido a coragem de ir tão longe. Tudo que sou hoje é reflexo do amor, da dedicação e da confiança de vocês. Ao Scott, que completa nossa família e foi meu suporte constante, fazendo toda a diferença na minha caminhada.

Aos meus avós, especialmente, à minha querida avó Fátima, que já não está mais fisicamente presente, mas que permanece comigo em cada lembrança. Você foi minha amiga, minha confidente, e sua ligação diária foi um alicerce nos meus momentos de saudade e insegurança em uma nova cidade, me fazendo sentir sempre em casa, onde quer que eu estivesse. Sou profundamente grata a você, vó, por estar ao meu lado, em espírito e memória. E ao meu avô Mário, por demonstrar seu amor de maneira tão genuína, agradeço por ser uma presença contínua, pelo cuidado e pela preocupação que sempre dedicou a mim.

Ao meu companheiro de vida, Gustavo, com quem cresci ao longo desses anos. Pela parceria, pelo apoio incondicional e por ser um dos meus maiores incentivadores. Pela maneira como você me mostrou que o amor é simples, livre de pesos, profundo e transformador. Admiro sua jornada e me inspiro em você. Agradeço por me incentivar a seguir os meus sonhos e me tornar uma mulher cada vez melhor.

Às minhas melhores amigas de vida, Nicole e Maria Giulia. A minha pesquisa, assim como a minha trajetória pessoal, não teria o mesmo significado sem vocês. O amor e a amizade que construímos juntas são a base da mulher que sou hoje, e por isso sou eternamente grata. À Isabella, Maria Eduarda e Marina, desde o primeiro dia, caminhamos juntas, nos apoiando e crescendo lado a lado, sem vocês, não teria sido tão lindo e significativo. À Mayara, por dividir comigo as responsabilidades da vida adulta. Obrigada por serem minha família em São Carlos.

À minha amiga Tamara, que, mesmo à distância, se faz presente de uma maneira única e constante. A conexão que compartilhamos é algo que sempre me fortalece. Esta pesquisa, e a oportunidade de levá-la adiante, são também frutos do seu apoio.

À minha orientadora professora Sabrina, mulher e profissional que admiro imensamente. Sou grata por sua confiança e dedicação, que tornaram esse trabalho uma realidade.

Aos caminhos que se entrelaçaram ao meu, às conexões que expandiram minha percepção sobre o amor e me ensinaram novas formas de sentir e ser. Às experiências que desafiaram certezas e abriram portas para novas maneiras de enxergar o mundo. E a todas as pessoas que, de algum modo, fizeram parte dessa jornada.

Agradeço profundamente a todas as mulheres que, com sua força e coragem, inspiraram a construção desta pesquisa.

## Resumo

A amizade é uma importante fonte de bem-estar, oferecendo suporte social e compartilhamento de experiências. Em contextos de violência por parceiro íntimo (VPI), a rede de apoio da mulher pode se enfraquecer, levando ao isolamento social e dificultando a busca por ajuda. A presente pesquisa teve como objetivo investigar as funções da amizade, comparando mulheres vítimas e não vítimas de VPI e que coabitavam ou não com seus parceiros e analisar a relação entre os tipos de violência sofridos e as funções da amizade. Participaram 118 mulheres cisgênero, com idades entre 18 e 44 anos ( $M=23,5$ ;  $DP=4,2$ ). Todas as participantes responderam a Escala McGill-UFRGS e o instrumento adaptado do Who VAW Study. Os resultados indicaram que as participantes avaliaram positivamente suas amigas, citando mais amigas do gênero feminino. As funções mais valorizadas foram ajuda, autovalidação e intimidade. Não houve diferenças significativas entre vítimas e não vítimas de VPI, nem entre aquelas que coabitavam ou não com seus parceiros. Mulheres que coabitavam relataram maiores índices de violência emocional e VPI total. Observou-se correlação significativa, negativa e fraca entre aliança confiável e violência emocional e escore total de VPI, sugerindo que contar com amigas leais pode atuar como fator protetor. Discute-se sobre a importância de fortalecer amizades íntimas em mulheres em situação de VPI.

*Palavras-chave:* Violência entre Parceiros Íntimos; mulheres; amizade.

## ABSTRACT

Friendship is an important source of well-being, providing social support and shared experiences. In intimate partner violence (IPV) contexts, a woman's support network may weaken, leading to social isolation and making it harder to seek help. This study aimed to investigate the functions of friendship, comparing women who were victims and non-victims of IPV, as well as those who cohabited or did not cohabit with their partners, and to analyze the relationship between types of violence experienced and friendship functions. A total of 118 cisgender women participated, aged between 18 and 44 years ( $M=23.5$ ;  $SD=4.2$ ). All participants completed the McGill-UFRGS Scale and the adapted version of the WHO VAW Study instrument. Results indicated that participants evaluated their friendships positively, citing more female than male friends. The most valued friendship functions were help, self-validation, and intimacy. No significant differences were found between IPV victims and non-victims, nor between those who cohabited and those who did not. Women who cohabited reported higher levels of emotional violence and total IPV scores. A weak but significant negative correlation was found between reliable alliance and emotional violence, as well as total IPV scores, suggesting that having loyal friendships may serve as a protective factor. The study highlights the importance of strengthening intimate friendships among women experiencing IPV.

**Keywords:** Intimate Partner Violence; women; friendship.

## Introdução

Ao redor do mundo um número expressivo de mulheres é vítima de violência por parte de um parceiro(a) íntimo. De acordo com dados divulgados pela Organização Mundial de Saúde - OMS (2021), com base em uma análise realizada juntamente a *London School of Hygiene and Tropical Medicine* e ao *Medical Research Council*, que colheu dados de mulheres em 80 países, dentre todas as mulheres com idade igual ou superior a 16 anos que já estiveram em um relacionamento, um terço (30%) já sofreu violência física e/ou sexual praticada por seu parceiro.

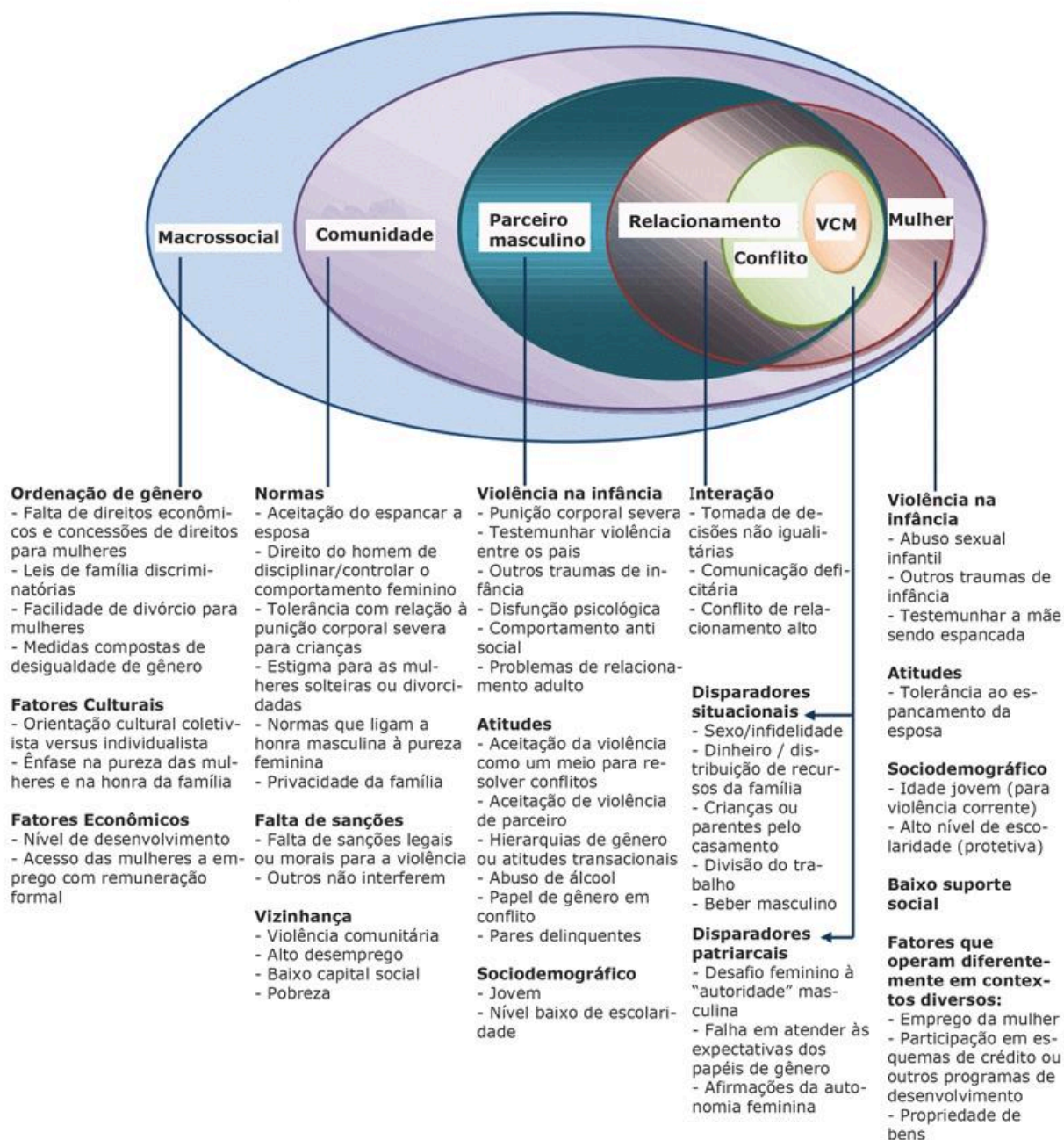
A 10ª edição da pesquisa Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher realizada pelo Instituto de Pesquisa DataSenado, em parceria com o Observatório da Mulher contra a Violência, apresenta os dados coletados com mulheres brasileiras entre 21 de agosto a 25 de setembro de 2023. No total, 21.808 brasileiras de 16 anos ou mais foram entrevistadas por telefone, em amostra representativa da opinião da população feminina brasileira. Os resultados indicaram que 3 a cada 10 mulheres brasileiras já sofreram uma situação de violência partindo de um homem. Mais de 25,4 milhões de brasileiras relatam ter sofrido algum tipo de violência de seu parceiro íntimo (52%) ou ex-marido/ex-namorado/ex-companheiro (15%), sendo que em 22% dos casos, o episódio em questão ocorreu nos últimos 12 meses (Agência Senado, 2023).

O quadro apresentado anteriormente indica que as mulheres estão mais sujeitas a sofrer violência por parte de um parceiro íntimo. Segundo Heise (2011), os fatores existentes para que uma mulher seja violentada por um homem desconhecido é muito diferente das convergências de forças que atuam aumentando o risco de que tal abuso parta de um conhecido. Como visto anteriormente, essa é a forma mais comum de violência vivenciada pelas mulheres em todo o mundo, excedendo a incidência de outras violências presentes em suas vidas (Heise, 2011).

A violência por parceiro íntimo (VPI) compreende todo comportamento violento, como agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamento de controle, que causa danos físicos, sexuais ou psicológicos, realizado por um parceiro ou ex-parceiro, direcionado à mulher (Violência Contra as Mulheres - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana Da Saúde, s.d.). Cumpre destacar que como todo tipo de violência, a VPI é um fenômeno complexo e multideterminado. Ou seja, o mesmo não é causado por um único fator. Na perspectiva bioecológica proposta por Heise (2011), a interação em diferentes níveis da ecologia social podem tornar a violência um evento mais ou menos provável de ocorrer. Desta forma, a discussão acerca das causas da violência passa a ser probabilística e não determinística, de modo que nenhum fator é suficiente, ou até mesmo necessário, para que um abuso ocorra (Heise, 2011). Partindo de evidências acumuladas a partir dos estudos realizados na área da VPI, Heise (2011) propôs um modelo ecológico destacando os fatores de risco para que esse fenômeno ocorra (ver Figura 1). Nesse modelo, a VPI é resultado da interação de fatores biopsicossociais e da história de vida de cada um dos indivíduos presentes na relação, dos padrões de interação estabelecido entre o casal, de fatores situacionais, de relações comunitárias, familiares e normas e padrões culturais da sociedade (SOPERJ, 2019).

No microssistema, em que há os indivíduos da relação e o relacionamento estabelecido entre eles, considera-se que ambos os parceiros trazem consigo informações genéticas, traços de personalidade e experiências pessoais anteriores ao relacionamento. Nessa perspectiva, o casal vive em uma dinâmica própria, de tal modo que a comunicação estabelecida entre o casal, a divisão de tarefas, a forma como ambos resolvem os problemas/dificuldades, pode aumentar ou diminuir o risco de violência, assim como nos demais sistemas de interação (Heise, 2011).

**Modelo Ecológico**  
**Principais fatores relacionados ao risco de violência por parceiro íntimo**



Fonte: Modelo ecológico apresentando os principais fatores relacionados ao risco de violência por parceiro íntimo (Lori Heise, 2011)

**Figura 1.** Modelo ecológico apresentando os principais fatores relacionados ao risco de VPI (Heise, 2011). Disponível em:

<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/violencia-domestica-e-familiar-contras-as-mulheres/>

A partir do modelo proposto por Heise (2011), fica evidente que para o combate e enfrentamento da VPI ações em diferentes sistemas ecológicos precisam ser realizadas. Isto é, a VPI é um problema complexo que requer soluções políticas e ações coordenadas intrasetorial com a participação do Estado e da sociedade civil (Sagot, 2000). O primeiro passo no enfrentamento à VPI em muitos países envolveu reformas legais. Em um levantamento realizado pelo Banco Mundial com 190 países, verificou-se que a maioria (n=158) tinha algum tipo de lei criminalizando a violência contra a mulher (*International Bank for Reconstruction and Development / The World Bank*, 2022). No Brasil, a Lei 11340 (Brasil, 2006), popularmente conhecida como Lei Maria da Penha, foi um marco e conquista importante no sentido de coibir tal prática. A Lei Maria da Penha, juntamente de outros serviços voltados à mulher em situação de violência, como, por exemplo, as Delegacias Especializadas, o Disque 180, as casas abrigos e a Casa da Mulher Brasileira, compõem a rede formal de enfrentamento a violência (Brasil, 2006).

Apesar da criação de leis e serviços voltados ao enfrentamento e combate à violência contra a mulher, os dados de levantamentos realizados indicam uma proporção maior de mulheres que foram vítimas de VPI, mas que não procuraram serviços de apoio para lidar com a situação enfrentada. Buscando identificar os caminhos percorridos pelas mulheres que vivenciam VPI, a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) propôs identificar a Rota Crítica dessas mulheres, isto é, o caminho percorrido para romper a violência, a sequência de decisões tomadas e as ações executadas (Sagot, 2000).

A pesquisa pioneira nessa área foi conduzida a partir de um protocolo específico. Foram coletadas as experiências de mulheres de 16 comunidades de 10 países (sete centroamericanos e

três andinos - Peru, Bolívia e Equador) entre 1996 e 1998, além de profissionais da saúde, justiça, polícia e da assistência social desses locais. Os resultados obtidos indicaram que embora muitas mulheres desconheciam seus direitos e os serviços existentes, a maioria das mulheres afetadas iniciava processos de procura de ajuda. Comumente, o disparador para o início da rota crítica era um momento de crise maior ou o acúmulo de insatisfações, tensões e problemas (Sagot, 2000).

Duas revisões de literatura foram conduzidas de modo a identificar as contribuições na literatura a respeito dos estudos sobre rotas críticas (Arboit et al, 2019; Baragatti et al, 2019). Arboit et al (2019) buscaram identificar evidências da rota crítica de mulheres em situação de violência. As pesquisadoras revisaram 21 artigos publicados entre 1994 e 2016 e identificaram que a rota crítica de mulheres em situação de violência é constituída de elementos relacionados tanto às percepções, ações e experiências prévias das mulheres, quanto à disponibilidade e qualidade dos serviços, representações sociais dos servidores e comunidade e os resultados obtidos na busca de ajuda. Nesse sentido, há: (a) impulsionadores da busca por ajuda: acesso a informações e conhecimento; percepções e atitudes individuais; experiências prévias; e apoio de pessoas próximas; e (b) fatores de resposta que influenciam a busca por ajuda, como a disponibilidade e qualidade dos serviços, as representações sociais dos profissionais de saúde e os resultados obtidos, todos podendo ter impacto tanto positivo quanto negativo (Arboit, et al., 2019).

Já Baragatti et al. (2019) revisaram 38 artigos publicados entre o ano de 2001 e 2017, e que respondiam à questão inicial: Qual a rota crítica de mulheres em situação de violência doméstica? Os dados obtidos indicaram que, de um lado, assim como encontrado na revisão realizada por Arboit, et al. (2019), existem diversos fatores impulsores da busca por ajuda, entre

eles destacam-se: (a) a situação econômica; (b) nível de escolaridade da mulher; (c) a gravidade da violência sofrida e (d) a existência ou não de serviços de apoio. De outro lado, existem os fatores inibidores, como: (a) sentimentos de culpa, medo e vergonha, (b) normas culturais de gênero, e (c) falta de confiança e de conhecimento sobre serviços de apoio formal. Em suma, o estudo concluiu que a rota crítica dessas mulheres é composta por ajuda formal - majoritariamente a polícia e os serviços de saúde - e informal - família, amigos e comunidade em geral e lideranças religiosas. Cumpre destacar que de acordo com Baragatti et al (2019), quando a violência é grave as mulheres buscam ajuda primeiro da família e amigos, e posteriormente, recorrem a serviços de saúde e justiça. A busca pelo Centro de Referência, por exemplo, ocorre quando a violência ultrapassa o limite de tolerância (Baragatti, et al., 2019) e a delegacia é comumente o último recurso, utilizado somente quando a violência se intensificou, e as demais opções informais já foram esgotadas (Baragatti et al, 2019; Heise, 2011).

De acordo com McKenzie et al (2020) jovens mulheres que vivenciam (VPI) têm maior probabilidade de buscar ajuda entre amigos. O apoio social recebido da família e de amigos ajuda a mulher vítima de VPI a lidar com a experiência vivenciada no relacionamento íntimo (Okedare & Fawole, 2024). Embora a rede de apoio informal tenha um papel importante para a tomada de decisão das mulheres, verifica-se que uma prática comumente adotada por parceiros autores de violência contra as parceiras íntimas refere-se ao enfraquecimento da rede de apoio da mulher, afastando-a do seu círculo social e, inclusive, proibindo-a de manter relacionamentos íntimos com amigos e familiares, gerando um contexto de isolamento social que potencializa a possibilidade de violência, e reduz a possibilidade de ajuda (Cunha & Nascimento, 2015). Diante de um cenário de isolamento, as intervenções necessárias para promover a saúde da mulher

tornam-se inviáveis, aumentando a dificuldade em acessar qualquer fonte de ajuda (Netto, et al., 2017).

Sob essa ótica, o isolamento social das mulheres em relacionamentos violentos deve ser analisado como um sintoma significativo das dinâmicas de poder patriarcal. Segundo Bell Hooks (2018), a violência está relacionada ao pensamento patriarcal ou à dominação masculina. Nos mecanismos de opressão, grupos dominantes recorrem à ameaça para manterem sua posição de poder quando sentem que as estruturas hierárquicas podem estar em perigo. Nesse contexto, os homens, sendo o grupo mais beneficiado pelo patriarcado, utilizam o isolamento de suas parceiras como uma tática de poder, pois baseiam-se na premissa da superioridade masculina sobre as mulheres, e na ideia que devem controlá-las, em prol da manutenção do patriarcado (Hooks, 2018).

Além disso, as normas patriarcais perpetuam a falta de apoio entre mulheres, as quais, desde sempre, são socializadas para enxergarem suas iguais com inveja, medo e ódio, considerando-as inferiores aos homens, e alvo de competição constante (Hooks, 2018). Ao contrário da solidariedade masculina promovida pelo patriarcado, que incentiva a união e apoio entre homens, o pensamento sexista faz com que as mulheres julguem e punam umas às outras (Hooks, 2018). Assim, ao serem isoladas de suas redes de apoio, inclusive suas amigas femininas, acredita-se que as mulheres ficam mais vulneráveis à violência por parceiro íntimo e ao agravamento da mesma.

Considerando que a rede de apoio informal tem um papel impulsionador importante para quando a mulher decide romper a situação de violência vivenciada em seu relacionamento íntimo, a presente pesquisa teve como foco os vínculos de amizade de mulheres vítimas de VPI como um possível e importante fator de proteção para o combate e enfrentamento do fenômeno.

Embora os amigos possam desempenhar um papel crucial no fornecimento de apoio, há pouca pesquisa que aborda essa questão (McKenzie et al, 2020). Por exemplo, um estudo qualitativo realizado por McKenzie et al (2020) com 15 amigos de jovens mulheres que passaram por VPI identificou-se que os participantes percebiam dois papéis a ser desempenhados: (1) agir (e.g. oferecer uma visão externa, ser um conselheiro ou orientador, ser um protetor e tomar uma posição); e (2) estar presente (ser um ouvinte, ser um companheiro e ser um aliado). No entanto, decidir qual papel assumir no apoio à amiga foi descrito como um desafio em virtude das expectativas conflitantes no contexto da amizade. Por um lado, sentiam-se responsáveis por fazer o que consideravam melhor para o bem-estar da amiga, ser honesta e promover reciprocidade na amizade e, por outro lado, sentir-se obrigada a respeitar as escolhas da amiga, manter sua confiança e garantir a igualdade na relação de amizade. Somado a isso, ter amizade também com o autor da violência adicionava mais complexidade à situação.

De acordo com Souza e Hutz (2012), a amizade consiste em uma relação na qual interagem dois ou mais indivíduos e que resulta da interação dinâmica entre características individuais. Essa interação ocorre em contextos específicos, de modo a valorizar aspectos saudáveis e pontos para promoção de resiliência. É uma relação bilateral, íntima, mútua e de livre escolha (Souza & Hutz, 2012). Sendo o ser humano um ser relacional, que se desenvolve a partir de outros seres humanos (Souza & Hutz, 2012), existe a necessidade de se ter amigos. Segundo Duck (1983), essa necessidade pode ser justificada pelos seguintes aspectos: senso de pertencimento, integração emocional e estabilidade, oportunidades de comunicação sobre si mesmo, fornecimento de assistência física e psicológica, garantia de valor e importância e oportunidade de ajudar o outro.

A amizade permite que uma pessoa passe a se ver boa e merecedora de amor, a partir do momento em que enxerga seu amigo como alguém bom e merecedor de amor. Então, percebe-se que amigos exercem influência uns nos outros, sendo consenso entre os pesquisadores que esse vínculo impulsiona a capacidade de resiliência<sup>1</sup>, além de representar um fator de proteção<sup>2</sup> (Souza & Hutz, 2012). Em um estudo realizado por Pereira et al (2018) com 189 indivíduos de 18 a 30 anos o qual buscou investigar os fatores de risco e proteção associados à tentativa de suicídio na adultez emergente, verificou-se que alguns fatores protetores, incluindo os relacionamentos de amizade, estavam significativamente mais presentes entre os participantes que não apresentavam ideação suicida.

Posto isso, o presente trabalho teve como objetivo analisar o papel da amizade em mulheres vítimas de VPI. Como objetivos específicos: (1) identificar quais as funções de amizades de mulheres; (2) comparar as funções de amizade e grupos de amigos de mulheres vítimas e não vítimas de VPI; e (3) correlacionar os tipos de VPI sofridas com as funções de amizade. Tendo em vista que a prevalência de VPI tende a ser maior entre as mulheres que coabitam com seus parceiros(as) (Okedare & Fawole, 2024), buscou-se verificar a diferença entre mulheres vítimas de VPI que coabitavam e não coabitavam com seus parceiros(as) quanto aos tipos e frequência de VPI e funções de amizade.

---

<sup>1</sup> Resiliência é definida como um processo o qual um indivíduo, ao ser exposto a adversidades, consegue enfrentá-la e ter um desfecho que permita seu bem estar, e não promova patologia (Brandão et al., 2019).

<sup>2</sup> Fator de proteção engloba aspectos intrínsecos - como autoestima - e extrínsecos - como a relação de amizade - que fortalecem o indivíduo, apoiando-o perante desafios (Koller, et al., 2016).

## Método

### Participantes

Foram coletados dados de 122 pessoas. Destas, 3 foram excluídas por não terem estado em um relacionamento íntimo afetivo nos últimos 12 meses e 1 por ser do gênero masculino. Assim, a amostra final foi composta por 118 mulheres cisgênero, com idade variando entre 18 e 44 anos ( $M=23.5$ ;  $DP=4.2$ ), a maioria se identificou como branca (76.3%;  $n=90$ ), seguida de parda (14.4%;  $n=17$ ), preta (7.6%;  $N=9$ ); indígena (0.8%,  $N=1$ ) e amarela (0.8%,  $N=1$ ). 96.6% ( $n=114$ ) tiveram relacionamentos heterossexuais e 2.5% ( $N=3$ ) em relacionamento homoafetivos nos últimos 12 meses. 75% ( $n=87$ ) não coabitou com o parceiro(a) e 75.4% ( $N=89$ ) ainda estava no relacionamento no momento da pesquisa. 84.9% ( $N=79$ ) descreveu a relação como namoro, 11.8% ( $N=11$ ) casamento/união estável e 3.2% ( $N=3$ ) noivado.

### Instrumentos

*Escala McGill-UFRGS* (Pereira et al., 2021) desenvolvida por Mendelson e Aboud em 1999 na língua inglesa e traduzida e adaptada por Souza e Hutz (2007) para o contexto brasileiro. Buscando ampliar a utilização da escala para grupos de amigos, e não para uma amizade específica, Pereira et al (2021) fizeram uma nova versão da escala, a qual foi utilizada na presente pesquisa. A escala visa avaliar as funções de amizade em grupos de amigos. Ela é composto por 3 perguntas iniciais, que tem por finalidade entender melhor a quem o participante estará se referindo, e, em seguida, 30 frases sobre a impressão que os respondentes possuem de suas amizades que serão assinalados em uma escala de concordância de cinco pontos variando de 1 *discordo totalmente* a 5 *concordo totalmente*. O instrumento possui uma estrutura fatorial de 6 fatores, cada um com 5 frases, sendo eles: (1) companheirismo estimulante ( $\alpha = 0,887$ ;  $CC =$

0,962); (2) ajuda ( $\alpha = 0,891$ ;  $CC = 0,960$ ); (3) intimidade ( $\alpha = 0,866$ ;  $CC = 0,960$ ); (4) aliança confiável ( $\alpha = 0,912$ ;  $CC = 0,964$ ), (5) segurança emocional ( $\alpha = 0,910$ ;  $CC = 0,966$ ) e (6) autovalidação ( $\alpha = 0,875$ ;  $CC = 0,956$ ). Essa estrutura de seis fatores possui bons índices de ajuste ( $CFI = 0,968$ ,  $TLI = 0,965$ ,  $RMSEA = 0,067$ ,  $IC90\% = 0,063-0,071$ ) e bons coeficientes de confiabilidade, com alfas de Cronbach que variam de 0,875 a 0,912. A confiabilidade composta da escala varia entre 0,956 e 0,966. Não há até o momento uma validação normativa do instrumento, sendo que quanto maior a pontuação obtida, maior a qualidade da relação de amizade.

**WHO VAW questionnaire** (Schraiber et al., 2010) foi criado pela equipe Multi-Países da Organização Mundial de Saúde (OMS), tendo o Brasil, na figura da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, também participado nesta produção (OMS, 2000). O instrumento é composto de treze itens que avaliam a VPI de forma global, mas também de forma específica: violência emocional (quatro itens), violência física (seis itens), e violência sexual (três itens) (OMS, 2000; Schraiber et al., 2010). No estudo de validação internacional do instrumento, o Brasil participou com amostras aleatórias e representativas de mulheres de duas zonas do país (Schraiber et al., 2010). Participaram do estudo mulheres com idades compreendidas entre os 15-49 anos, com parceiros íntimos, residentes na cidade de São Paulo ( $n=940$ ) e na Zona da Mata de Pernambuco ( $n=1188$ ). Os resultados da análise fatorial exploratória confirmaram a solução fatorial de três fatores. Os coeficientes alfa de Cronbach foram de 0,88 em São Paulo e 0,89 na Zona da Mata para a escala como um todo, não tendo sido analisados os alfa de Cronbach das subescalas do instrumento. Nesse sentido, o WHO VAW apresentou características psicométricas adequadas no estudo de validação brasileiro realizado com mulheres. Sua avaliação é realizada

através da somatória das questões que compõem cada subescala para identificar a ocorrência e a frequência de cada tipo de violência (física, psicológica e sexual) e da somatória de todas as questões para se ter um índice total de VPI. Quanto maior o valor alcançado pela participante, maior a frequência de violência.

### **Procedimentos**

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética de Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (CAEE 77516724.2.0000.5504). Logo após a aprovação, a pesquisadora começou a divulgação através das redes sociais (whatsapp, instagram e facebook). Além disso, foi utilizada a técnica bola de neve, que consiste em uma técnica na qual os participantes iniciais indicam outros possíveis participantes, que também atendem aos critérios de seleção da pesquisa. No convite de participação da pesquisa estava descrito o objetivo da pesquisa, os critérios de inclusão e um link de acesso a um formulário google. Ao clicar no link as participantes tiveram acesso ao termo de consentimento livre (TCLE) e esclarecido. Após a anuência ao TCLE, a participante preencheu alguns dados de caracterização (idade, gênero, autoidentificação de cor e religião) e respondeu se ela estava ou esteve em um relacionamento nos últimos 12 meses, e qual o gênero dessa pessoa. Logo em seguida, as participantes preencheram a Escala McGill-UFRGS e ao WHO VAW, descritos na seção de instrumentos.

### **Análise de dados**

Os dados obtidos a partir do questionário de caracterização, Escala McGill-UFRGS (Pereira et al., 2021), e WHO VAW (Schraiber et al., 2010) foram analisados conforme descrito

na seção instrumentos. Todas as variáveis foram analisadas no software estatístico JASP 0.18.3.0. Inicialmente foi realizada a estatística descritiva (frequência, porcentagem, valores mínimos e máximos, média e desvio padrão) de todas as variáveis. A partir dessa análise, os dados obtidos com a Escala McGill-UFRGS (Pereira et al., 2021) permitiam responder ao objetivo específico (1) analisar as funções de amizades de mulheres.

Posteriormente foi realizado o teste Shapiro Wilk para avaliar a normalidade dos dados, o que guiou a escolha dos testes a serem utilizados para as estatísticas inferenciais (não paramétricos). Assim, para responder ao objetivo (2) comparar as funções de amizade e grupos de amigos de mulheres vítimas e não vítimas de VPI, foi calculada a diferença entre médias utilizando o teste Mann-Whitney. Já para responder ao objetivo (3) correlacionar os tipos de VPI sofridas com as funções de amizade; foi realizado o teste de correlação (Spearman) das subescalas relativas a violência entre parceiros íntimos e as subescalas de amizade. Para analisar a correlação entre as variáveis foi verificado: (a) a significância estatística (se  $p < 0,05$ ); (b) a direção (positiva ou negativa) e (c) o grau ou a força da correlação - nula 0,00; fraca 0,10 - 0,39; moderada 0,40-0,69; forte 0,70-0,89; muito forte 0,90-0,99; perfeita 1,00 (Schoeber, Boer & Schwarte, 2018). Após a identificação dos valores de correlação, foi calculado o tamanho do efeito ( $r^2$ ), ou seja, o quanto as duas variáveis estão, de fato, correlacionadas. Ele explicita a variância compartilhada, também chamada de coeficiente de determinação. Para tanto, os valores de correlação obtidos serão elevados ao quadrado.

Para responder ao objetivo relativo a verificar diferenças entre mulheres que coabitam e não coabitam com seus parceiros quanto a VPI e funções de amizade, foi realizado o teste Mann-Whitney relativo a funções de amizade e tipo de violência sofrido.

## Resultados

A Tabela 1 apresenta os resultados das subescalas do Instrumento Escala McGill-UFRGS. Para responder ao questionário a respeito das amizades, as participantes indicaram ao menos uma amizade do gênero feminino, sendo que, em média, elas indicaram um maior número de amigas ( $M=3,3$ ;  $DP=1,9$ ) do que amigos ( $M=1,2$ ;  $DP=1,5$ ).

**Tabela 1**

*Funções de amizade e escore total de amizade das participantes (N=118)*

	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
F1 - Companheirismo estimulante	22.54	3.029	5	25
F2- Ajuda	23.30	2.665	8	25
F3 - Intimidade	22.85	2.475	9	25
F4 - Aliança confiável	22.18	2.990	7	25
F5 - Segurança emocional	22.82	2.719	6	25
F6 - Auto Validação	22.93	2.723	9	25
ESCORE TOTAL	141.07	15.494	47	160

Os dados da Tabela 1 indicam que a função mais bem avaliada pelas participantes, em média, foi F2- Ajuda, a qual se refere à assistência, orientação ou conselhos recebidos (Pereira et al., 2021), sendo que metade das participantes (50%) pontuou o máximo da subescala. Já com uma média menor, foi F4-Aliança Confiável, relativo ao sentimento de disponibilidade, lealdade

contínua e de segurança na relação apesar de divergências (Pereira et al., 2021). Cumpre destacar que as médias de pontuação de todas as subescalas atingiram valores próximos ao máximo de pontuação, indicando que, no geral, as participantes avaliaram positivamente suas amizades em todas as funções avaliadas pelo instrumento.

A maioria das participantes (56,8%, N=67) relatou ao menos um episódio de VPI nos últimos 12 meses. A Tabela 2 apresenta os dados referentes ao tipo de violência sofrida pelas participantes.

**Tabela 2**

*Resultados obtidos no Instrumento Who VAW Study (N=118)*

	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
Violência emocional	1.46	2.099	0.000	11.000
Violência física	0.16	0.569	0.000	4.000
Violência sexual	0.22	0.891	0.000	6.000
Total violência	1.85	3.036	0.000	17.000

Dentre os tipos de violência mensurados, a violência emocional foi a mais citada, seguida da violência sexual e física. Quanto à intensidade da VPI, verificou-se que três participantes alcançaram pontuações próximas ao valor máximo da subescala de 12 pontos. Em violência sexual, que a pontuação máxima era de 9 pontos, uma participante atingiu o escore de seis pontos. Já em violência física, que o escore máximo era de 18 pontos, a pontuação máxima relatada pelas participantes foi de 4. Esses dados evidenciam que a violência emocional foi a forma mais presente e com maior gravidade entre os casos avaliados.

Para verificar se havia diferença estatisticamente significativa nas funções de amizade entre mulheres vítimas e não vítimas de violência, foi calculada a diferença entre médias utilizando o teste Mann-Whitney (ver Tabela 3). Os dados da Tabela 3 indicam que não houveram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos em relação às funções de amizade e o escore total do instrumento.

**Tabela 3.**

*Comparação entre as funções de amizade e escore total de amizades entre mulheres vítimas e não vítimas de VPI*

	<i>Vítima de VPI (N=67)</i>				<i>Não vítima (N=51)</i>				<b>W</b>	<b>p</b>
	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Mí n</b>	<b>Má x</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Mí n</b>	<b>Má x</b>		
Companheirismo estimulante	2.22	3.464	5	25	22.86	2.333	17	25	1.816.500	0.550
Ajuda	2.30	3.034	8	25	23.58	2.080	15	25	1.792.000	0.629
Intimidade	2.28	2.772	9	25	22.88	2.046	16	25	1.589.500	0.510
Aliança confiável	2.18	3.190	7	25	22.60	2.676	16	25	1.989.500	0.121
Segurança emocional	2.26	3.012	6	25	23.02	2.293	17	25	1.774.000	0.717
Autovalidação	2.27	3.028	9	25	23.11	2.277	16	25	1.745.000	0.840
<b>ESCORE TOTAL</b>	<b>13.95</b>	<b>17.66</b>	<b>47</b>	<b>159</b>	<b>142.54</b>	<b>12.08</b>	<b>111</b>	<b>160</b>	<b>1.779.500</b>	<b>0.701</b>

A Tabela 4 apresenta as correlações entre as funções da amizade e os tipos de violência entre parceiros íntimos.

**Tabela 4**

*Correlação entre tipos de violência e as funções de amizade*

Variável		Companheiri smo estimulante	Aju da	Intimida de	Alianc a confia vel	Segura nca emocio nal	Autovalid acao	ESCO RE TOTA L
Violência emocion al	rho	-0.131	-0.05 2	$2.861 \times 10^{-4}$	-0.194	-0.094	-0.062	-0.079
	p-va lue	0.157	0.57 8	0.998	0.035	0.310	0.508	0.396
Violência física	rho	-0.105	-0.13 9	-0.032	-0.100	-0.014	0.047	-0.054
	p-va lue	0.256	0.13 4	0.731	0.283	0.883	0.611	0.561
Violência sexual	rho	0.054	0.14 9	0.112	0.039	0.106	0.026	0.103
	p-va lue	0.561	0.10 6	0.227	0.676	0.252	0.778	0.267
Violência total	rho	-0.121	-0.03 1	0.019	-0.184	-0.062	-0.042	-0.069
	p-va lue	0.193	0.73 7	0.836	0.047	0.505	0.652	0.459



---

Companheirismo estimulante	21.8	4.04	5	25	22.7	2.61	13	25	1.444.000	0.236
Ajuda	23.0	3.69	8	25	23.3	2.26	15	25	1.217.500	0.767
Intimidade	22.6	3.24	9	25	22.8	2.18	16	25	1.270.500	0.956
Aliança confiável	21.5	4.00	7	25	22.3	2.57	16	25	1.350.500	0.566
Segurança emocional	22.5	3.60	6	25	22.8	2.38	17	25	1.353.000	0.552
Autovalidação	22.7	3.71	9	25	22.9	2.34	16	25	1.171.500	0.557
ESCORE TOTAL	138.1	21.44	47	154	141.7	12.98	111	160	1.395.500	0.394

---

Ao analisar os dados da Tabela 5 observa-se que as participantes que coabitavam com seus parceiros obtiveram, em média, escores menores em todas as funções de amizade do que as mulheres que não coabitavam, sendo as diferenças maiores em companheirismo estimulante e aliança confiável. Para identificar se essas diferenças eram estatisticamente significativas utilizou-se o teste de comparação de médias de Mann Whitney e não houveram diferenças estatisticamente significativas.

A Tabela 6 apresenta a comparação de médias dos tipos de VPI entre as participantes que coabitam e não coabitavam com seus parceiros.

### **Tabela 6**

*Comparação entre VPI entre mulheres que coabitavam com seus parceiros(as) e mulheres que não coabitavam*

	<i>Coabitava com o parceiro (N=29)</i>				<i>Não coabitava com o parceiro (N=87)</i>				W	p
	M	DP	Mínimo	Máximo	M	DP	Mínimo	Máximo		
Violência emocional	2.48	2.9	0	11	1.13	1.6	0	7	912.500	0.019
Violência física	0.51	0.9	0	4	0.04	0.2	0	2	953.000	< .001
Violência sexual	0.27	0.8	0	6	0.21	0.9	0	6	1.231.000	0.694
Total violência	3.27	4.4	0	17	1.40	2.3	0	13	887.500	0.012

Os dados da Tabela 6 indicam que as mulheres que coabitavam com seus parceiros tiveram médias maiores em todos os tipos de violência do que as mulheres que não coabitavam com seus parceiros. Para identificar se essas diferenças eram estatisticamente significativas utilizou-se o teste de comparação de médias de Mann Whitney e notou-se diferenças estatisticamente significativas entre os grupos quanto a violência emocional ( $w=912.500$ ;  $p=0.019$ ), violência física ( $w=953.000$ ,  $p<0.001$ ) e o total de violência ( $w=887.500$ ;  $p=0.012$ ).

### **Discussão**

O presente trabalho teve como objetivo principal analisar o papel da amizade na vida de uma mulher ao vivenciar VPI e como objetivos específicos: (1) analisar as funções de amizades de mulheres; (2) comparar as funções de amizade e grupos de amigos de mulheres vítimas e não

vítimas de VPI; (3) correlacionar os tipos de VPI sofridas com as funções de amizade. Ademais, objetivou-se verificar diferenças entre mulheres que coabitam e não coabitam com seus parceiros quanto a VPI e funções de amizade.

Quanto ao gênero das amigadas, verificou-se que as participantes indicaram um número maior de amigadas femininas ( $M=3.3$ ;  $DP=1.9$ ) do que amigadas masculinas ( $M=1.2$ ;  $DP=1.5$ ). Tais dados vão ao encontro do estudo de Souza e Hutz (2017) realizado com 541 universitários, no qual 296 mulheres (88.4%) indicaram uma melhor amizade de mesmo sexo, e 39 (11.6%) indicaram um homem. Esse resultado pode refletir desafios relacionados às questões de gênero na amizade. Frequentemente, homens e mulheres são desestimulados a cultivarem um relacionamento não romântico, e, segundo Monsour (2002), encontram muitas barreiras sociais e estruturais que dificultam sua iniciação e manutenção. Um exemplo trazido pelo autor é o estado civil, uma vez que a dedicação exigida no casamento reduz interações antes frequentes entre pessoas solteiras e pode gerar obstáculos estruturais, bem como implicações sociais, já que o cônjuge pode manifestar ciúmes, restringindo ainda mais a amizade entre pessoas de sexos opostos.

Ao analisar as funções da amizade, as médias obtidas indicaram pontuações próximas ao valor máximo em todas as subescalas variando entre 23.30 a 22.18, o que demonstra uma avaliação das participantes sobre seus vínculos de amizade serem bem fortalecidos. O estudo de Pereira et al (2021) realizado com 521 jovens adultos com idades entre 18 e 30 anos ( $M = 22.68$ ;  $DP = 3.21$ ), a maioria do gênero feminino ( $N=344$ ), obteve médias parecidas nas subescalas do instrumento, variando entre 20.90 a 22.72. De acordo com Bell Hooks (2000), a amizade é o espaço onde muitas mulheres experimentam pela primeira vez o amor redentor e a comunidade carinhosa, uma vez que é nesse relacionamento que elas conseguem processar seus problemas e

lidar com diferenças e conflitos enquanto se mantêm vinculadas. Além disso, Souza e Hutz (2008) apontam que as mulheres percebem suas amigadas como mais positivas do que os homens (Souza e Hutz, 2008).

Quanto as subescalas de amizade, no presente estudo, as participantes indicaram médias mais elevadas na subescala ajuda (M=23.30; DP=2.66), seguida de autovalidação (M=22.93; DP=2.72), intimidade (M=22.85; DP=2.47), segurança emocional (M=22.82; DP=2.71), companheirismo estimulante (M=22.7542; DP=3.02) e aliança confiável (M=22.58; DP=2.95). Já no estudo de Pereira et al (2021) a média mais elevada foi de aliança confiável (M=22.72; DP=3.33), seguida de companheirismo (M=22.59; DP=3.13), segurança emocional (M=22.18; DP=3.51), autovalidação (M=21.34; DP=3.63), ajuda (M=21.16; DP=3.89) e intimidade (M=20.90; DP=4.05). Dentre as hipóteses destaca-se a característica do recrutamento das participantes. No presente estudo a idade das participantes variou de 18-44 anos e foram recrutadas mulheres em diferentes contextos. Já no estudo de Pereira et al (2021), as participantes eram estudantes universitárias, com idade entre 18-30 anos. Acredita-se que a fase da vida das participantes pode ter influenciado na maneira como elas avaliaram as funções de amizade.

Mais da metade da amostra (56.8%, N=67) relatou ao menos um episódio de VPI nos últimos 12 meses, contudo a frequência e intensidade da violência foram baixas. Poucas participantes indicaram índices de VPI mais próximos ao máximo das escalas. Considerando a tipologia da VPI, a violência emocional foi o tipo de violência mais frequente (89%), dado consistente com levantamentos realizados com mulheres (Agência Senado, 2023).

Nesse sentido, percebe-se que a amostra contou com baixos níveis de violência e amigadas bem fortalecidas, o que se alinha à ideia de que relações românticas saudáveis não

implicam no enfraquecimento de amizades, e não exigem seu negligenciamento. Bell Hooks (2000) sugere que relações amorosas genuínas não devem substituir ou diminuir a importância de relações de amizade, uma vez que quando se é dedicada atenção exclusiva a relacionamentos românticos, pode ocorrer a desvalorização das amizades, criando um vazio que pode gerar codependência nos vínculos afetivos. Assim, a presença de laços de amizade fortes nas participantes da pesquisa pode refletir o fato de que, em um contexto de baixo nível de violência, essas mulheres mantêm relações equilibradas, tanto com seus amigos quanto com seus parceiros.

Em relação às hipóteses, a que sugeria que mulheres vítimas de violência pelo parceiro íntimo apresentariam pontuações menores na escala relativa à amizade não foi confirmada, uma vez que não foram notadas diferenças estatisticamente diferentes entre as participantes. Esse resultado pode ser explicado pelas características da amostra, uma vez que a maioria das participantes relatou casos menos graves de violência, pontuando baixo nas escalas de violência emocional, física e sexual. Além disso, a maioria das participantes eram jovens, o que pode indicar redes sociais ainda ativas e menos centralizadas em relações conjugais, visto que poucas estavam/tinham coabitado com o parceiro íntimo.

Coabitar com o parceiro íntimo foi uma variável importante no presente estudo, uma vez que foi observada diferença estatisticamente significativa entre as participantes que coabitavam e as que não coabitavam nos casos de violência emocional e física. Tal dado corrobora o encontrado por Okedare e Fawole (2024) em uma pesquisa domiciliar baseada na comunidade, realizada em dez comunidades de favelas nas cinco áreas de governo local do município de Ibadan (Nigéria, África Ocidental), com a participação de 314 mulheres jovens ( $M= 22.25$ ;  $DP=1.75$ ). A maioria das entrevistadas era casada (62.1%) e estava em uma união há 0–4 anos (68.8%). A maior parte das participantes relatou ter vivenciado VPI psicológica (66.6%) e pelo

menos um tipo de VPI (86.3%), sendo que as mulheres que coabitavam com seus parceiros tinham uma prevalência maior de VPI quando comparadas às mulheres que não coabitavam.

Apesar da coabitação ser uma variável relacionada à VPI, em relação às amigadas não houveram diferenças significativas entre os grupos. Sugere-se que a frequência baixa dos episódios de VPI pode ter contribuído para esse resultado, uma vez que a literatura indica que casos mais graves e prolongados de violência tendem a enfraquecer a rede de apoio das mulheres de forma mais significativa (Netto et al., 2017).

Quanto ao terceiro objetivo (correlacionar os tipos de VPI sofridas com as funções de amizade), esperava-se obter correlações negativas entre as funções de amizade e os níveis de violência (emocional, física e sexual). Na presente pesquisa obteve-se correlações significativas, negativas e fracas entre a função aliança confiável e violência emocional e o escore total de violência. A aliança confiável refere-se a uma qualidade que requer estar apto a contar com a contínua disponibilidade e lealdade do amigo e sentir que a relação é forte o suficiente para não ser abalada por discussões e opiniões contrárias (Pereira et al, 2021). Nesse sentido, ter amigadas “verdadeiras”, isto é, ter amigos leais e disponíveis estava associado a menores escores violência emocional e escore total de VPI, ou seja, a amizade parece ser um importante fator de proteção, indicando que possuir relações de intimidade, proximidade, afeto e acolhimento, minimiza as chances de VPI.

A amizade impulsiona a capacidade de resiliência, e representa um fator de proteção (Souza & Hutz, 2012). Bell Hooks (2000) pontua que a capacidade de estabelecer conexões profundas de amizade fortalece todos os laços íntimos, e serve, também, como um guia de comportamento para outras relações, incluindo as românticas. Nesse sentido, o amor presente nas

amizades atua como um fator de fortalecimento, expandindo-se a outras interações, como as relações amorosas, promovendo vínculos mais saudáveis e respeitosos.

Por outro lado, essa correlação também pode sugerir que a violência emocional enfraquece as relações de amizade ou, ainda, que a ausência de vínculos bem estabelecidos torna as mulheres mais vulneráveis a esse tipo de relacionamento - quanto maior o escore de violência emocional, menos aliança confiável foi relatada. Isso corrobora com a literatura, visto que parceiros violentos tendem a enfraquecer a rede de apoio da mulher, potencializando a violência e reduzindo a possibilidade de ajuda (Cunha & Nascimento, 2015).

Em suma, a correlação negativa encontrada entre a função de amizade "aliança confiável" e a violência emocional pode ser interpretada de forma multifacetada. Por um lado, ela reforça o papel protetivo das amizades saudáveis, que promovem vínculos de intimidade, acolhimento e suporte, reduzindo as chances de violência emocional. Por outro, sugere que a violência emocional pode enfraquecer as redes de apoio, diminuindo a presença de amizades fortalecidas e ampliando a vulnerabilidade das mulheres a relações prejudiciais. Essa dualidade evidencia que as amizades podem atuar como um fator de fortalecimento emocional, bem como podem ser influenciadas negativamente em contextos de violência.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A amizade é reconhecida na literatura científica como uma importante fonte de felicidade e de bem-estar subjetivo (Souza & Duarte, 2013). Ela proporciona suporte social, compartilhamento de experiências, de interesses, de sentimentos e de emoções. Em relacionamentos permeados pela VPI, pode-se verificar o enfraquecimento da rede de apoio da

mulher, com conseqüente distanciamento de relacionamentos íntimos com amigos e familiares, gerando um contexto de isolamento social que potencializa a possibilidade de violência, e reduz a possibilidade de ajuda (Cunha & Nascimento, 2015). A presente pesquisa buscou identificar as funções de amizade de mulheres; comparar as funções de amizade de mulheres vítimas e não vítimas de VPI; verificar a diferença entre mulheres vítimas de VPI que coabitavam e não coabitavam com seus parceiros(as) quanto aos tipos e frequência de VPI e funções de amizade e correlacionar os tipos de VPI sofridas com as funções de amizade.

Os dados obtidos indicaram que as participantes avaliaram positivamente suas amizades, tendendo a indicar mais amigas do gênero feminino do que do masculino. Quanto às funções de amizade, observou-se médias relativamente próximas entre elas, sendo que ajuda, autovalidação e intimidade foram as funções que obtiveram médias maiores. Não observou-se diferenças estatisticamente significativas entre mulheres vítimas e não vítimas de VPI; nem entre mulheres que coabitavam e não coabitavam com o parceiro. As mulheres que coabitavam com o parceiro tiveram médias maiores de violência emocional e do escore total de VPI. A correlação entre VPI e funções de amizade indicou correlação significativa, negativa e fraca entre aliança confiável e violência emocional e escore total de VPI. Contar com a contínua disponibilidade e lealdade do amigo e sentir que a relação é forte o suficiente para não ser abalada por discussões e opiniões contrárias (Pereira et al, 2021), parece ser um fator de proteção para a VPI.

Apesar das limitações do presente estudo (coleta online, com uma amostra de conveniência, majoritariamente branca e sem dados socioeconômicos), os resultados indicados apontam para a importância de se fortalecer amizades íntimas de mulheres em contextos de VPI, integrando as amizades como um recurso de promoção de saúde mental. Sugere-se a realização de estudos futuros com amostras mais amplas e diversificadas tanto em termos de VPI quanto em

questões sociodemográficas, a fim de proporcionar uma compreensão mais abrangente do papel da amizade na vida das mulheres.

### Referências

- Agência Senado. (2023, 21 de novembro). DataSenado aponta que 3 a cada 10 brasileiras já sofreram violência doméstica. *Senado Federal*.  
<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/11/21/datasenado-aponta-que-3-a-cada-10-brasileiras-ja-sofreram-violencia-domestica>
- Arboit, J., Padoin, S. M. de M., & Paula, C. C. de .. (2019). Critical path of women in situation of violence: an integrative literature review. *Revista Brasileira De Enfermagem*, 72, 321–332. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0265>
- Baragatti, D. Y., Rolim, A. C. A., Castro, C. P., Melo, M. C., & Silva, E. M. (2019). Rota crítica de mulheres em situação de violência: Revisão integrativa. *Revista Panamericana de Salud Pública*, 43, e34. <https://doi.org/10.26633/RPSP.2019.34>
- Brandão, J. M., & Nascimento, E. do. (2019). Resiliência psicológica: Da primeira fase às abordagens baseadas em trajetória. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 36, 1–31. <https://doi.org/10.35699/1676-1669.2019.6875>
- Brasil. (2006). *Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006*. Lei Maria da Penha. Diário Oficial da União, seção 1.
- Cunha, V. B. da, & Nascimento, P. D. do. (2013). Pensando a educação popular e participação social para mulheres em situação de violência doméstica em Teresina. *Revista Gestão & Saúde*, 4(2), 2685-2700. <https://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/2705>
- Duck, S. (1983). *Amigos para toda a vida: A psicologia das amizades íntimas*.

- Hasse, M., & Vieira, E. M.. (2014). Como os profissionais de saúde atendem mulheres em situação de violência? Uma análise triangulada de dados. *Saúde Em Debate*, 38(102), 482–493. <https://doi.org/10.5935/0103-1104.20140045>
- Heise, L. L. (2011). What works to prevent partner violence? An evidence overview. doi: 10.13140/RG.2.1.4929.6485
- Organização Pan-Americana da Saúde. (s.d.). *Violência contra as mulheres*. Recuperado em 30 de janeiro de 2024, de <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women#:~:text=Uma%20an.>
- Hooks, B. (2018). *O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras* (3. ed.). Rosa dos Tempos.
- Hooks, B. (2000). *Tudo sobre o amor* (1. ed.). Elefante.
- McKenzie, M., Hegarty, K. L., Palmer, V. J., & Tarzia, L. (2020). “Walking on eggshells”: A qualitative study of how friends of young women experiencing intimate partner violence perceive their role. *Journal of Interpersonal Violence*. <https://doi.org/10.1177/0886260520969238>
- Monsour, M. (2002). *Women and men as friends: Relationships across the life span in the 21st century*. Lawrence Erlbaum Associates.
- Okedare, O. O., & Fawole, O. I. (2024). Perceived social support and the experience of intimate partner violence among married and cohabiting young women in urban slums, Ibadan, Nigeria: A descriptive study. *BMJ Public Health*, 2(1). <https://doi.org/10.1136/bmjph-2023-000425>

- Pereira, A. S., DeSousa, D. A., Dutra-Thomé, L., & Koller, S. H. (2021). Escala McGill-UFRGS para avaliação dos grupos de amigos: Adaptação e propriedades psicométricas. *Psico-USF*, 26(4), 617–629. <https://doi.org/10.1590/1413-82712021260402>
- Pereira, A. S., Dutra-Thomé, L., & Koller, S. H. (2016). Habilidades sociais e fatores de risco e proteção na adultez emergente. *Psico*, 47(4), 268–278. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2016.4.23398>
- Pereira, A. S., Willhelm, A. R., Koller, S. H., & Almeida, R. M. M. de .. (2018). Fatores de risco e proteção para tentativa de suicídio na adultez emergente. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(11), 3767–3777. <https://doi.org/10.1590/1413-812320182311.29112016>
- Rodriguez, N., Mira, C. B., Myers, H. F., Morris, J. K., & Cardoza, D. (2003). Family or friends: Who plays a greater supportive role for Latino college students? *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 9 (3), 236–250. <https://doi.org/10.1037/1099-9809.9.3.236>
- Sagot, M. (2000) La ruta crítica que siguen las mujeres afectadas por la violencia intrafamiliar en América Latina. Washington D.C.: OPAS.
- Schraiber, L. B., Latorre, M. do R. D. O., França Jr, I., Segri, N. J., & D'Oliveira, A. F. P. L.. (2010). Validade do instrumento WHO VAW STUDY para estimar violência de gênero contra a mulher. *Revista De Saúde Pública*, 44(4), 658–666. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102010000400009>
- Souza, L. K., & Duarte, M. G. (2013). Amizade e bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(4), 429-436. <https://www.scielo.br/j/ptp/a/ZmzL8Svf5F865hvTmfMbpv/?format=pdf&lang=pt>

- Souza, L. K., & Hutz, C. S. (2012). *Amizade em contexto: Desenvolvimento e cultura*. Casa do Psicólogo
- Souza, K.L., & Hutz, C. S. (2017). Diferenças de gênero na percepção da qualidade da amizade. *Psico*, 38(2). <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/1464>
- Soperj. (s.d.). *Os impactos da violência na saúde de crianças e adolescentes: Algumas reflexões*. Recuperado em 30 de janeiro de 2024, de <http://soperj.com.br/os-impactos-da-violencia-na-saude-de-criancas-e-adolescentes-alguas-reflexoes/>
- Vieira, L. J. E. de S., Silva, A. C. F. da, Moreira, G. A. R., Cavalcanti, L. F., & Silva, R. M. da. (2016). Protocolos na atenção à saúde de mulheres em situação de violência sexual sob a ótica de profissionais de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(12), 3957–3965.

## APÊNDICE:

### A. TCLE

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Resolução 510/2016 do CNS)

A presente pesquisa, intitulada “O papel da amizade ao vivenciar uma situação de violência por parceiro íntimo”, objetiva analisar qual o papel da amizade na vida de uma mulher, ao vivenciar uma situação de violência por parceiros íntimos. A pesquisa está sendo desenvolvida pela aluna Marjhorie Bocchi Luque, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos sob a orientação da Profa. Dra. Sabrina Mazo D’Affonseca.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de

todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFSCar, localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos). Endereço: Rodovia Washington Luís km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos-SP. Telefone: (16) 3351-8028. E-mail: cephumanos@ufscar.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315- 5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

**Natureza da pesquisa:** você está sendo convidada a participar em uma pesquisa, que tem como finalidade analisar qual o papel da amizade na vida de uma mulher, ao vivenciar uma situação de violência por parceiros íntimos. O estudo utiliza como instrumentos de investigação: Escala McGill-UFRGS de Pereira, DeSouza, Dutra-Thomé e Koller (2021) e o instrumento Who vaw study de Schraiber, O Latorre, França Jr, Segri e D'Oliveira (2010).

Ao clicar em "Aceito participar da pesquisa" irá: 1. Eletronicamente aceitar participar da pesquisa, o que corresponderá à assinatura deste termo (TCLE), o qual poderá ser impresso ou solicitado ao pesquisador via endereço de email fornecido, se assim o desejar. 2. Responder a 1 questionário on-line que terá tempo gasto para seu preenchimento em torno de 20 minutos. Caso não concorde, basta fechar a página do navegador. Caso desista de participar durante o preenchimento do questionário e antes de finalizá-lo, os seus dados não serão

gravados, enviados e nem recebidos pelo pesquisador e serão apagados ao se fechar a página do navegador. Caso tenha finalizado o preenchimento e enviado suas respostas do questionário e após decida desistir da participação deverá informar o pesquisador desta decisão e este descartará os seus dados recebidos sem nenhuma penalização. Você poderá imprimir uma via deste termo, ou se desejar, o pesquisador poderá encaminhar uma via assinada por email ou da maneira como preferir.

**Participantes da pesquisa:** participarão mulheres cisgênero com idade entre 18 e 30 anos e que tenham estado em um relacionamento heterossexual nos últimos 12 meses.

**Envolvimento na pesquisa:** ao permitir a sua participação neste estudo, você permitirá que a pesquisadora colete algumas informações pessoais.

Você tem liberdade de recusar a sua participação e, ainda, interromper a sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone ou do email da pesquisadora (localizado abaixo) e, se necessário, poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa, o órgão que avalia se não há problemas na realização de uma pesquisa com seres humanos.

Você poderá retirar o seu consentimento entrando em contato por e-mail com a pesquisadora e solicitando a retirada do mesmo, a qualquer momento durante o desenvolvimento da pesquisa. A retirada do consentimento e a exclusão dos dados serão confirmadas através de uma carta emitida e assinada pela pesquisadora, assegurando ambos os processos. Uma cópia dessa carta será enviada por e-mail para a participante que solicitou a retirada do consentimento.

**Sobre os instrumentos:**

Vale ressaltar a limitação da pesquisadora para assegurar total confidencialidade e potencial risco de violação dos dados, uma vez que estes serão coletados em ambiente virtual. Ainda assim, serão tomados todos os procedimentos cabíveis

para assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações do participante da pesquisa, não sendo divulgados dados que possam, de alguma maneira, identificar o participante. A plataforma utilizada para a elaboração do formulário foi o Google formulários. A política de privacidade se encontra em: <https://www.google.com/intl/pt-BR/policies/privacy/archive/20141219/>.

**Riscos e desconforto:** a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas, mas, caso você sinta algum desconforto físico ou emocional durante os encontros, poderá ser suspensa a sua participação na pesquisa e será dado, imediatamente, um encaminhamento para serviços adequados. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, portanto, estão fundamentados na Resolução nº. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

A participante que vier a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a assistência e a buscar indenização (Res 510/2016, Art 19, §2o).

Durante todo o processo de coleta de dados as participantes da pesquisa possuem o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal.

É importante destacar a existência de riscos característicos do ambiente virtual, meios eletrônicos, ou atividades não presenciais, em função das limitações das tecnologias utilizadas como corrompimento de dados e hackeamento. Apesar das limitações da pesquisadora para assegurar total confidencialidade e potencial risco de sua violação, todos os esforços serão direcionados para garanti-la.

**Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e a docente responsável pela orientação terão conhecimento da identidade dos participantes. Nos

comprometemos em não identificá-la ao publicar os resultados dessa pesquisa. Destaca-se que a pesquisadora, uma vez concluída a coleta de dados, realizará o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem". As gravações e os dados coletados serão armazenados em um pen-drive com senha, sendo esta de conhecimento apenas da pesquisadora; ademais, os próprios conteúdos armazenados no pen-drive serão acessados somente com uma segunda senha, estabelecendo, portanto, mais uma medida de proteção. Todas as informações coletadas - incluindo as gravações - serão armazenadas pelo período de 5 anos, datando a partir do encerramento da pesquisa.

**Benefícios:** ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre as relações de amizade de uma mulher e suas vivências em relacionamentos e reflexões acerca da temática. Além disso, você estará contribuindo com a área de pesquisa. A pesquisadora e a docente se comprometem a divulgar os resultados obtidos, respeitando o sigilo das informações coletadas, conforme previsto no item anterior.

**Pagamento:** Considera-se que você não terá nenhum tipo de despesa para que participe desta pesquisa, contudo, caso tenha algum custo referente a sua participação, o valor poderá ser ressarcido a partir da manifestação e comprovação enviada à pesquisadora. Destaca-se que nada será pago por sua participação.

A pesquisadora garante que você terá acesso aos resultados finais da pesquisa por e-mail. Caso seja do seu interesse, por favor, deixe o seu endereço de email.

Você receberá uma cópia deste documento e poderá entrar em contato com a pesquisadora caso precise ter acesso ao registro deste consentimento.

---

**Pesquisadora:** Marjhorie Bocchi Luque

Fone: (14) 988241468

E-mail: [marjhoriebocchi@estudante.ufscar.br](mailto:marjhoriebocchi@estudante.ufscar.br)

Endereço: Rua dos Pica-Paus – Departamento de Psicologia da UFscar

**Docente:** Dra. Sabrina Mazo D’Affonseca

Contato: [samazo@ufscar.br](mailto:samazo@ufscar.br)

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8028. Endereço eletrônico: [cephumanos@ufscar.br](mailto:cephumanos@ufscar.br). O CEP é um colegiado interdisciplinar e independente, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. É dever deste comitê cuidar dos aspectos éticos das pesquisas envolvendo seres humanos, tendo como referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, entre outros.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para sua participação nesta pesquisa. Caso opte por não participar da pesquisa, basta fechar a aba do documento sem que nenhuma informação pessoal seja registrada.

(    ) Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento para participação desta pesquisa e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo. [W TCLE.docx](#)